

O TWITTER COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO ACADÊMICA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Robson Santos de Oliveira¹

Júlio C. Araújo (Hiperged/UFC)²

Resumo: Este estudo propõe apresentar alguns aspectos de usos atuais do Twitter, com finalidades pedagógicas. A análise de alguns casos em cursos de graduação e pós-graduação possibilita verificar e entrever as potencialidades deste recurso emergente na Internet bem como seus limites como recurso educacional. Considerando algumas características que afetam o sujeito pós-moderno (conectividade, convergência midiática, tecnologia da informação, globalização) o Twitter destaca-se como uma ferramenta de comunicação em rede social da Internet através de pequenas mensagens (compostas no máximo de 140 caracteres). Este microblogging tem se tornando um recurso atraente entre professores(as) e alunos(as) que compartilham conhecimentos, realizam discussões em forma de ideias abreviadas, além de realizarem a divulgação de outras referências de consulta naquilo que chamamos de Web 2.0: estimulando não só a leitura virtual, mas a criação e transformação informacional. Os resultados de nossa análise apontam para o fato de que o Twitter, então, ultrapassa os limites do espaço virtual quando torna-se também um canal de comunicação e uma extensão dos ambientes de sala de aula, pois o(a) professor(a) pode utilizar essa rede social para discutir suas aulas, divulgar e comentar congressos, usar como um mural de avisos para seus(suas) alunos(as) ou até como banner textual de informações instantâneas das aulas para alunos(as) à distância. Este aspecto nos faz sugerir que o Twitter pode ser um recurso educacional eficaz, considerando seus limites e possibilidades.

Palavras-chave: Twitter – Microblogging - Educação online - Tecnologia Educacional.

Abstract: This study proposes to present some aspects of current uses of microblogging, Twitter, for educational purposes. The analysis of some cases in undergraduate and postgraduate check and allows a glimpse of the potential of this emerging resource on the Internet and its limits as an educational resource. Considering some characteristics that affect the postmodern subject (connectivity, media convergence, information technology, globalization) Twitter stands out as a communication tool in social networking web via short messages (consisting of a maximum 140 characters). This microblogging is becoming an attractive feature of teacher (s) and student (s) who share knowledge, conduct discussions in abbreviated form of ideas, and perform the disclosure of other lookup references in what we call Web 2.0: not only stimulating virtual reading, but the creation and transformation of information. Twitter, then, goes beyond the limits of virtual space when it also becomes a communication channel and an extension of classroom environments: the (a) professor (a) microblogging can use this as a bulletin board for its (their) students (as) or even as banner text instant information to school students (the) distance. Twitter can be contemplated as an effective educational resource, given its limits and possibilities.

Keywords: Twitter – Microblogging - Education online - Educational Technology.

¹ Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) e doutorando em Psicologia Cognitiva pela UFPE. Contato: robssantoss@yahoo.com.br / Twitter: @robssantoss

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas da UFC. Coordenador do grupo de pesquisa Hiperged. Contato: araujo@ufc.br/ www.julioaraujo.com / Twitter: @araujo_jc

1.Introdução

Pesquisadores brasileiros, nos últimos anos, têm aprofundado investigações sobre os usos do Twitter e suas novas performances emergenciadas pelos usuários deste programa de redes sociais *online* (ZAGO, 2008; RECUERO & ZAGO, 2009; 2010; ARAÚJO, COSTA & DIEB, 2011). O que se observa nessas pesquisas é a evidência daquilo que Marcuschi (2005, p. 20) defendia em seus textos, ou seja, a linguagem assenta-se fortemente nos usos sociais que fazemos dessa atividade interativa de natureza sócio-cognitiva, admitindo que “(...) os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre um **meio**, um **uso** e a **linguagem**”. Este autor atenta para o fato de que os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua, mas “(...) o aspecto nuclear do **uso** pela manifestação mais importante que é o **texto** (MARCUSCHI, 2005, p. 26).”

Nesta perspectiva, podemos dizer que os usos educacionais que podem ser feitos dos artefatos digitais podem sinalizar para possibilidades positivas de espraiamento da sala de aula. Com base nessas considerações, no presente artigo objetivamos analisar as possibilidades de utilizarmos o Twitter no contexto educacional (dentro e fora da escola/universidade) como genuína prática pedagógica. Sendo assim, a questão que nos aponta para uma análise do uso do Twitter nesse contexto pode ser configurada no seguinte questionamento: “quais as possibilidades e os limites do uso do Twitter para fins educacionais em aulas de graduação e pós-graduação?”. Partimos daquela premissa marcuschiana dos **usos** da linguagem, acreditando que os usuários se apropriam dos recursos apresentados pelo programa e o utilizam para determinados fins, conforme os seus interesses. Nesse sentido, julgamos relevante sistematizar os dados retirados de experiências concretas de usos do Twitter em contextos acadêmicos com o objetivo de analisarmos as possibilidades e os limites dessa experiência.

A curiosidade científica a respeito do Twitter como ferramenta de discussão acadêmica surgiu espontaneamente quando o usuário desta rede social, o prof. Robson Santos (**@robssantoss**)³, acompanhava as discussões de uma aula de pós-graduação ministrada, via Twitter, pelo prof. Júlio Araújo (**@araujo_jc**)⁴.

³ Optamos por nos referir ao usuário pelo seu perfil mantido na rede, o qual tem como forma linguística, comumente, o nome da pessoa antecedido pelo símbolo @.

⁴ É importante salientar que os tweets postados na rede social pelo professor da disciplina não tinham sido planejados como “uma aula via Twitter”. A disciplina, que reunia mestrandos e doutorandos do PPGL da UFC, discutia o tema da metodologia da pesquisa em linguagem e tecnologia.

Conforme a configuração característica do programa, todos os seguidores de **@araujo_jc** recebiam em sua *timeline* ou página principal do Twitter as atualizações (doravante tweets) deste usuário. Naquele momento os tweets de **@araujo_jc** tratavam das discussões em torno de um dos capítulos do livro “*Métodos de Pesquisa para Internet*” (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011). Aquela experiência permitiu ao usuário **@robssantoss** vivenciar uma nova situação: a de acompanhar pela rede social as discussões sobre uma temática que muito lhe interessava, o da etnografia virtual. O fato, portanto, propiciou o compartilhamento de conhecimentos e discussões que estavam acontecendo em outro centro acadêmico do país, a centenas de quilômetros⁵.

Igualmente, a pesquisadora em Cibercultura e Comunicação, Adriana Amaral (**@adriaramara**), co-autora do texto acima referido, identificou tal fenômeno ao discutir em seu blog a postagem de 1º de maio de 2011 (*Expandindo a sala de aula*) tratando a respeito da relação entre as dinâmicas de aula/pesquisa e as tecnologias de comunicação, bem como do Twitter. Dentre os vários exemplos citados pela pesquisadora (AMARAL, 2011) houve a coincidência de a pesquisadora ter participado de uma aula do PPGL-UFC, ministrada por **@araujo_jc**. A pesquisadora participou, via Twitter, de vários encontros dessa disciplina, o que permitiu que outras pessoas passassem a discutir com uma das co-autoras do livro acima referido⁶. Sua observação quanto ao fato de estar utilizando o Twitter numa perspectiva acadêmico-educacional é importante para nosso trabalho na medida em que admite que usar o Twitter para este fim “(...) permitiu dialogar com colegas de outra área e ao qual foram sendo incorporados outros colegas que iam retuitando e comentando observações.” (AMARAL, 2011). Em outras palavras, esses usos acadêmicos acabam por organizar uma rede de pesquisadores que têm em comum determinados interesses investigativos.

Assim, o estranhamento por parte do usuário **@robssantoss** diante do fenômeno de usar o Twitter para fins educacionais ocorreu porque o Twitter, originalmente, não surgiu com uma finalidade pedagógica, mas os usos que estamos fazendo dessa rede social aponta para essa possibilidade. Ou seja, somos nós, os seus usuários, que estamos construindo novas aplicabilidades conforme os

⁵ Enquanto **@robssantoss** estava em Caruaru-PE, **@araujo_jc** e seus alunos estavam em Fortaleza-CE.

⁶ É importante salientar que, além de Adriana Amaral, Raquel Recuero (**@raquelrecuero**) e Suely Fragoso (**@suely_**), outras co-autoras do referido livro, também participaram, via Twitter, das discussões da disciplina.

usos e os **contextos** em que o utilizamos. Assim, aquela experiência de estar acompanhando uma discussão acadêmica por um grupo de pesquisadores, mesmo com as limitações do envio de até 140 caracteres por vez (outra característica original do Twitter), sugeriu um olhar mais atento para o uso educacional dessa rede social por pesquisadores experientes, alunos de pós-graduação e de graduação, que viram no Twitter uma possibilidade concreta de espriar os limites da sala de aula.

Tendo como passo inicial esta vivência de compartilhamento de informação em um ambiente educacional, estando por um lado o seguidor (**@robssantoss**) e na outra ponta do processo comunicativo o seguido (**@araujo_jc**) no ambiente de Twitter, deu-se partida para este estudo, ainda bastante preliminar, cujo objetivo é o de analisar alguns casos possíveis de uso do Twitter nos ambientes acadêmicos de graduação e pós-graduação, observando as possibilidades e as limitações desse programa *online* de rede social na Internet. Esse olhar sobre um dos programas mais populares de rede social *online* também surge como uma contribuição para a compreensão das novas formas de interação emergentes no contexto digital e dos usos da linguagem, construídos e reconstruídos na pragmática sócio-cognitiva dos contextos culturais.

2. Metodologia

Para reunião dos dados que analisaremos neste artigo, podemos dizer que usamos a técnica da observação participante (em alguns momentos) e a técnica da observação não-participante, derivadas dos estudos etnográficos. Isto significa que os dados foram reunidos a partir de nossa vivência no Twitter tanto como observador participante (interagindo com o seguidor e/ou com aquele que está seguindo) ou simplesmente como observador não-participante (tão-somente lendo os tweets de alguns dos que estão na rede dos co-autores deste artigo).

Os registros virtuais de caráter etnográfico ocorreram entre os meses de abril e setembro de 2011, através das anotações organizadas pelo autor dos tweets e/ou, quando mais de um participante da temática discutida interagiam, expressando suas opiniões via Twitter. Além dessa compilação de tweets também foi utilizado o registro de imagem através da função *print screen* (ou captura de tela), um recurso do Sistema Operacional Windows utilizado para “fotografar” a tela do computador

em um certo momento. Este recurso gera uma imagem de tudo que está na tela, exatamente como está, como um instantâneo fotográfico, capturando todo o cenário e a 'movimentação' das pessoas no contexto eletrônico do Twitter que é predominantemente multimodal.

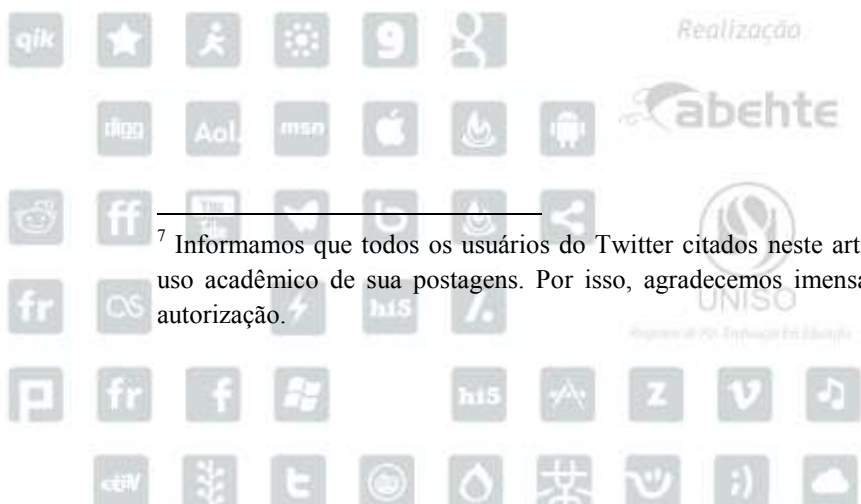
A partir de tal metodologia de observação foi possível encontrarmos dois movimentos nos fluxos conversacionais do Twitter:

1. de um usuário para os seus seguidores **sem** interação;



Figura 1: aula twittada no evento SIGET-RN (23/08/2011), de @anadigital⁷ para seus seguidores **sem** interação

2. de um usuário para os seus seguidores **com** interação entre eles.



⁷ Informamos que todos os usuários do Twitter citados neste artigo nos deram autorização expressa para fazer uso acadêmico de sua postagens. Por isso, agradecemos imensamente aos colegas que nos concederam essa autorização.



Figura 2: aula twittada no PPGL-UFC (08/06/2011), de @araujo_jc para seus seguidores com interação

Estas duas formas de atuações entre os participantes do Twitter podem ser consideradas, neste trabalho, como categorias de análise na etnografia virtual que realizamos. Para construirmos tais categorias, observamos a postagem de tweets de alguns professores de graduação e pós-graduação no Brasil, dentro de um intervalo temporal de um determinado tema discutido (*micro timeline*):

| Twittes | Mecanismo de análise |
|---|--|
| de um usuário para os seus seguidores <u>sem</u> interação | Recorte dos enunciados do usuário do Twitter selecionado, dentro de um <i>micro timeline</i> |
| de um usuário para os seus seguidores <u>com</u> interação entre eles | Recorte dos enunciados do usuário do Twitter selecionado em interação com os seus seguidores, dentro de um <i>micro timeline</i> |

Tabela 1: Quadro de categorias e mecanismos de análise de enunciados

Nesse estudo exploratório, consideramos a *micro timeline*⁸ como o espaço-tempo de um determinado assunto iniciado e encerrado pelo usuário do Twitter escolhido para nossa análise. O fluxo de enunciados foi recolhido através de uma pesquisa temporal inversa (o Twitter registra o fluxo das postagens dos usuários em seu *perfil*⁹ aparecendo as mais recentes e recuando as mais antigas) do seguinte modo:

| Micro timeline | Mecanismo de análise |
|----------------|----------------------|
|----------------|----------------------|

⁸ Recuero e Zago (2009, p. 6) utilizaram o termo *Public Timeline* para um espaço onde se pode observar, em tempo real, os *tweets* publicados naquele momento de um determinado *perfil*. Utilizaremos o termo *micro timeline* para um recorte do *Public Timeline* tomando como referência a temática iniciada e finalizada como recorte observacional.

⁹ Profile (ing.)=perfil. Página principal do usuário do Twitter onde são postadas as suas mensagens de até 140 caracteres bem como as de quem está seguindo. O conjunto de todas postagens constituem o *Public Timeline*.

| | |
|--|--|
| de um usuário para os seus seguidores sem interação | Todos os enunciados do usuário selecionado do Twitter, <u>excluindo</u> todos os outros que não estiveram relacionados ao tema inicialmente identificado. Ex.: <i>twittando um evento científico (Figura-1)</i> |
| de um usuário para os seus seguidores com interação <i>entre eles</i> | Todos os enunciados do usuário selecionado do Twitter em interação com os seus seguidores, selecionando apenas as postagens destes usuários que discutem o tema inicialmente identificado. Ex.: <i>twittando uma aula com interações de várias pessoas (Figura-2)</i> |

Tabela 2: Quadro de *micro timeline* e mecanismos de análise

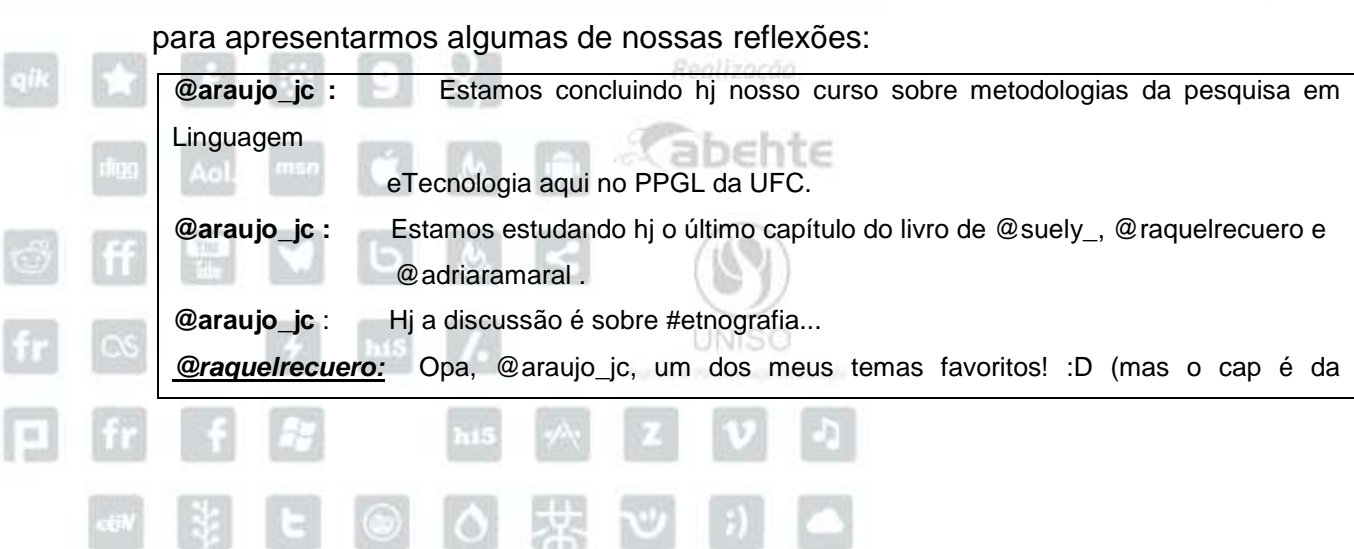
Essa análise reversa temporal das postagens foi estabelecida em um limite-passado de até um mês na etnografia no *perfil* do usuário selecionado do Twitter. A *micro timeline* (considerando um assunto iniciado e concluído) foi encontrada nesse emaranhado de postagens podendo ter um caráter mais informativo (**sem** interação) ou mais interacional (**com** intervenções dos seguidores). A comprovação da interação dos seguidores para a postagem iniciada pelo usuário do Twitter selecionado exigiu uma análise no *perfil* desses seguidores, identificando a postagem da intervenção que cruzou a *micro timeline* daquele a quem está seguindo na rede social, como na Figura-2 em que a fala de **@raquelrequero** aparece no fluxo de postagens disparadas por **@araujo_jc**.

Observaremos a seguir exemplos de como esse esquema do *micro timeline* foi analisado para o estudo das categorias que elegemos nesse estudo do Twitter como ferramenta educacional, observando possibilidades e limitações desse uso para discussão acadêmica. Em razão do escopo do artigo, escolhemos alguns casos representativos que evidenciaram este estudo inicial.

3. Resultados

3.1 Possibilidades

Utilizaremos a *micro timeline* de **@araujo_jc** (mostrada em parte na figura 2) para apresentarmos algumas de nossas reflexões:



@araujo_jc : Estamos concluindo hj nosso curso sobre metodologias da pesquisa em Linguagem e Tecnologia aqui no PPGL da UFC.

@araujo_jc : Estamos estudando hj o último capítulo do livro de @suely_, @raquelrequero e @adriamaral .

@araujo_jc : Hj a discussão é sobre #etnografia...

@raquelrequero: Opa, @araujo_jc, um dos meus temas favoritos! :D (mas o cap é da

@adriaramaral)

@araujo_jc : Além do capítulo sobre etnografia do livro citado, aqui temos um ótimo paper da Hine <http://migre.me/50Hxv>

@araujo_jc : Oi, @raquelrecuero tb gosto muito da etnografia. O capítulo está muito legal, @adriaramaral. Parabéns.

@raquelrecuero: Aliás, não percam o #SimSocial - Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade:
<http://j.mp/ieopTw>

@araujo_jc : Hine propõe uma ótima definição para etnografia na web. Vejam o link que sugeri
abaixo.

@raquelrecuero: @araujo_jc Quais metodologias vcs trabalharam?

@araujo_jc : Para ela, a abordagem etnográfica tem objetivo de fazer justiça à riqueza e complexidade da internet.

@araujo_jc : @raquelrecuero o livro de vcs e alguns artigos sobre etnografia foi nossa base para o curso

@araujo_jc: #Netnografia ou #webetnografia são apenas tentativas de marcar a experiência etnográfica na internet.

@araujo_jc : Eu prefiro a expressão etnografia virtual.

@araujo_jc : Essas terminologias nao propõem mudanças à etnografia em si.

@araujo_jc : Esses termos apenas aludem a uma distinção (dispensável) entre ambientes offline e online.

@araujo_jc : Quando utilizar a etnografia como método?

@araujo_jc : As autoras propõem um quadro muito bacana que começa na p. 179.

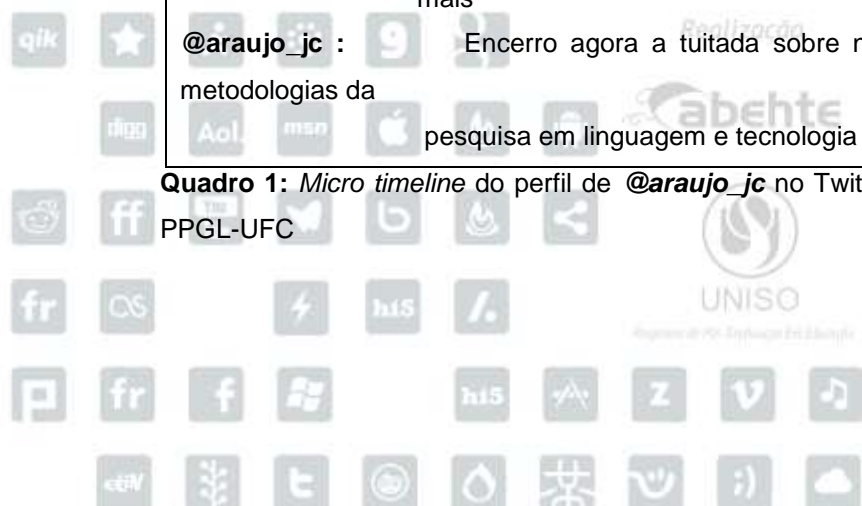
@araujo_jc : É preciso contemplar 4 aspectos:

@araujo_jc : 1) Por que escolher etnografia?; 2) Qto ao problema de pesquisa; 3) Qto ao desing da pesquisa; 3) Qto à construção do campo.

@adriaramaral: @araujo_jc @raquelrecuero obrigada. To em deslocamento mas depois eu comento
mais

@araujo_jc : Encerro agora a tuitada sobre nossas aulas e tb o nosso curso sobre metodologias da pesquisa em linguagem e tecnologia aqui no PPGL da UFC.

Quadro 1: Micro timeline do perfil de @araujo_jc no Twitter com tema de discussão acadêmica no PPGL-UFC



Para chegarmos à composição de uma leitura tradicional (da esquerda para a direita e de cima para baixo), conforme apresentado no Quadro 1, referente à *micro timeline* de @araujo_jc, foi necessário identificar o ponto final da discussão temática e ir em busca do ponto inicial, excluindo as postagens flutuantes e fora do tema inicialmente discutido (os tweets de uma aula), tendo em seguida que invertermos a sequência das postagens na *public timeline* que são arquivadas de baixo para cima no Twitter. Assim, a leitura dos tweets é feita de forma reversa, ou seja, na tela do computador a última postagem é quase sempre uma continuidade da postagem anterior que ficará cada vez mais abaixo, devendo-se fazer a leitura dos tweets de baixo para cima (ver sentido das setas nas Figuras 1 e 2). Esquematizamos as sequências dos tweets, conforme mostrada no Quadro 1, apenas para fins metodológicos de análise de uma *micro timeline*, evitando inclusive uma extensa e desnecessária amostragem de um recorte da *public timeline* do usuário que pretendemos estudar.

Então, no Quadro1, os usuários estão assim identificados: apenas em **negrito** o usuário do Twitter que iniciou a *micro timeline* (@araujo_jc) e em **negrito-italico-sublinhado** os usuários do Twitter (os seguidores de @araujo_jc, que interagiram com ele naquele momento), **@raquelrecuero** e **@adriaramaral**. Observamos que @araujo_jc iniciou o tweet da aula, apresentando o curso, o capítulo do livro e, por meio de uma hashtag¹⁰, apresenta o tema da discussão (#etnografia). Durante as postagens dos tweets, ocorreram duas interações das participantes do Twitter (**@raquelrecuero** e **@adriaramaral**) que estavam *online* naquele momento e participaram também com contribuições na *micro timeline* de @araujo_jc. Nesse caso, observamos um caráter interacional (**com** intervenções dos seguidores), embora a predominância de atuação do proprietário da *micro timeline*: @araujo_jc, pois ele ainda estava fazendo a introdução de sua aula. Aqui a forma de arranjo discursivo aproxima-se de uma transcrição ou descrição de evento com intervenções de seus seguidores.

Quanto ao conteúdo dos tweets, verificamos, pelo menos, quatro categorias:

1) **apresentação de abreviações:** “Estamos concluindo hj(...)” –

“Oi, @raquelrecuero tb gosto (...)”

¹⁰ Para uma análise sobre as hashtags, ver Araújo, Costa & Dieb (2011).

2) **envio de links e referências:** “(...) ótimo paper da Hine <http://migre.me/50Hxv>” -

“(...) um quadro muito bacana que começa na
p. 179”

3) **tópicos da aula:** em forme de opinião ou de questões. “Essas terminologias
nao

propõem mudanças à etnografia em si.”

“Quando utilizar a etnografia como método?”

“Quais metodologias vcs trabalharam?”

4) **novas microssintaxes:** @raquelrecuero - #SimSocial - <http://j.mp/ieopTw>

Esse conjunto de detalhes e ações são propostos aos usuários do programa, exigindo uma *reconhecimento* de leitura, intertextualidade e inferências, dentro do esquema definido pelo design do Twitter. Quem está *online* faz a leitura seguindo o caminho de baixo para cima (olhando a tela do computador), por isso, precisa ficar atento(a) às constantes inferências que subjazem nesse contexto midiático, como as abreviações (**hj** [hoje] – **tb** [também]); além disso, também o usuário do Twitter deve compreender a microssintaxe emergente (SANTAELLA & LEMOS, 2010, p. 111-112): @, RT, DM, as hashtags (**#**) e as formatações de encurtamento de URL. Nesse sentido, quem tem já conhecimentos prévios de Internet terá muito mais facilidade do que aqueles (as) que necessitam de uma espécie de iniciação aos letramentos digitais.

Essa análise evidencia o cruzamento de interações, o ponto no qual na *micro timeline* encontrada é possível identificar um fluxo *conversacional*, conforme o esquema abaixo (Quadro-2), no qual temos os usuários do Twitter: **Ut₁** = Aquele selecionado para a análise e que iniciou o assunto (postagem inicial da *micro timeline*) que nesta análise é identificada por **@araujo_jc**; e identificamos por **Ut₂**, **Ut_n** = Todos os usuários que realizam uma interação à postagem inicial do **Ut₁**, neste caso **@raquelrecuero** e **@adriaramaral**. A *micro timeline*, portanto, será apenas o recorte da memória das tweets do **Ut₁** caracterizado por um início e um final e que pode ter intervenções de seus seguidores (**Ut₂**, **Ut_n**), conforme apresentando no Quadro-2, a seguir:

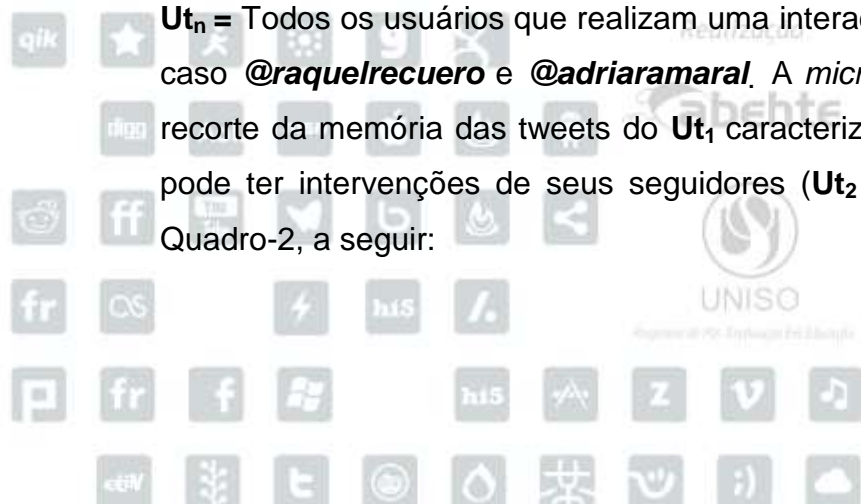




Figura 4 Recorte da *Public timeline* de @foresto para seus seguidores com interação

O que estamos percebendo, é que uma das possibilidades mais marcantes do usos educacionais do Twitter parece sinalizar para maior aproximação entre alunos e professor. Este aspecto, que não é novo, remete-nos à proposta de Buber (1974), para quem a palavra é portadora do ser, pois é pela linguagem que o homem se humaniza e, ao mesmo tempo em que por ela se constitui, deixa-se constituir também pelo seu outro. O autor chama de palavra-princípio o que sustenta a relação dialógica entre os indivíduos. Assim, EU-TU, segundo este autor, é uma das palavras-princípio que define a natureza interativa humana, pois ela gera um espaço-lugar que não é apenas do EU e não apenas do TU, mas de ambos. O espaço é designado de “entre”.

Seguindo a proposta de Buber (1974), não seria prematura a afirmação de que as relações que “linkam” EU-TU se ambientam no espaço do “entre” e, a depender das representações que o professor possui acerca da universidade e dos conteúdos com os quais pesquisa/ensina, as relações ambientadas no espaço do entre podem se espriar para além dos limites acadêmicos. Sendo assim, as categorias de conteúdo dos tweets (**apresentação de abreviações, envio de links e referências, tópicos da aula, novas microssintaxes**) parecem materializar bem o “espaço do entre” que se forma na linkagem entre os interlocutores.

Um outro caso semelhante a este de caráter mais interativo é apresentando a seguir pela Profa. Denise Lino (**@deniselino**) que utiliza o Twitter a fim de dialogar e preparar a turma para as aulas:

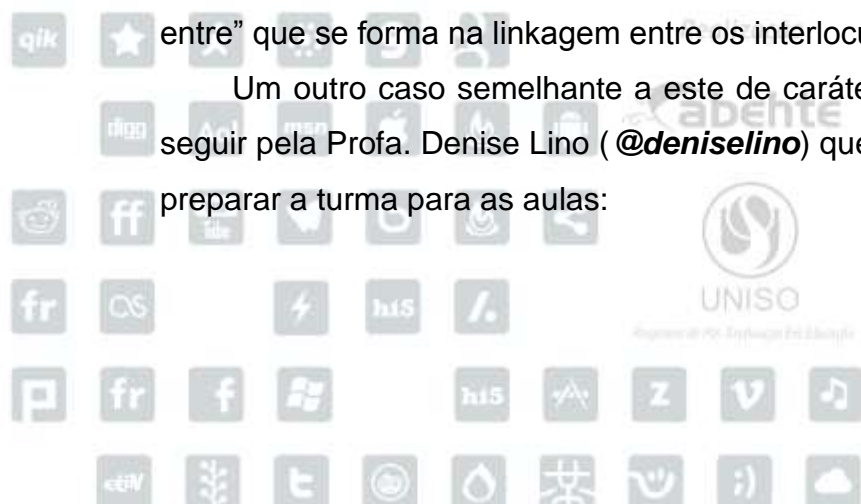




Figura 5: Recorte da *Public timeline* de @deniselino para seus seguidores com interação

Podemos admitir como hipótese a ser melhor estudada, com base em alguns dos casos observados, que há tweets de um usuário para os seus seguidores com interação entre eles, podendo ser mais ou menos interacional (mais informativo), como nas descrições de eventos e recados para alunos, ou ser mais interacional, nesse último caso quando os seguidores aparecem mais na sua *public timeline* (com perguntas e opiniões, aparecendo com mais frequência através de diversas postagens, como em uma aula). Observemos que @deniselino solicita confirmações de seus alunos sobre texto enviado por email: “Ok? Favor confirmar recebimento.”, mas que não reproduzimos neste trabalho.

Nos exemplos a seguir apresentaremos algumas anotações etnográficas em que predominam tweets de um usuário para os seus seguidores sem interação, ou seja, o caráter é muito mais informativo. Destacam-se aqui os usuários do Twitter que o utilizam para descrever fatos ou a transcrição de um evento, postando em sua *public timeline* contínuas postagens, com isso inibindo (mas não impedindo) que outros seguidores possam realizar intervenções como perguntas e opiniões.

Diversos exemplos podem ser apresentados em que o usuário do Twitter opta por uma apresentação menos interacional e mais informativa, não significando que não realize um diálogo ou troque informações. É o caso de @anadigital que tem se caracterizado na sua *public timeline* por *twittar* os eventos científicos de que participa, compartilhando informações importantes com os seus seguidores (Figura-6):

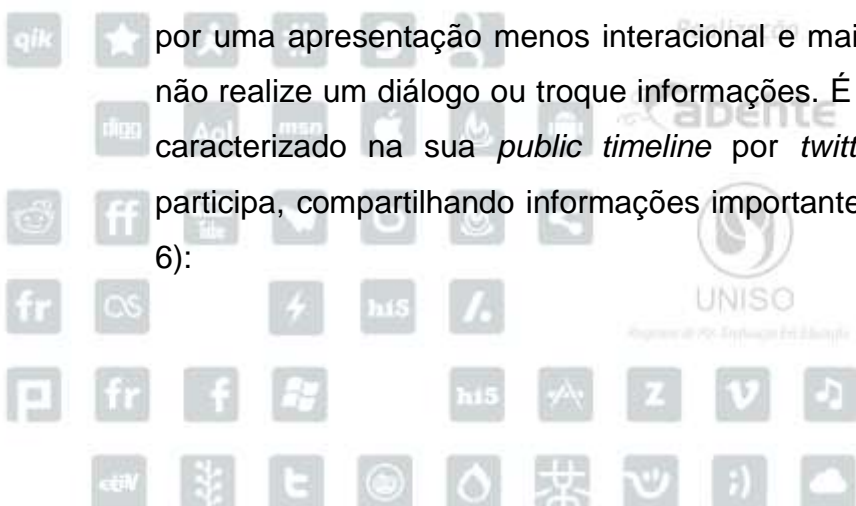




Figura 6: Parte de *micro timeline* de @anadigital twittando o Intercom-Recife em 05/09/2011, sem interação.

Observamos que nesse caso há uma predominância de postagens da proprietária da *public timeline*, com caráter predominantemente informativo entrecortado por outras postagens mais pessoais que se afastam da temática da descrição (as apresentações do evento): “Ó meu modem móvel da TIM oscilando...bipolar maldito dos infernos...”.

Mesmo aí, embora a usuária esteja conectada aos seguidores, observamos que o Twitter é utilizado como uma forma de pensar *sozinho*, consigo mesmo, (seria como utilizarmos a seguinte metáfora: “ela está a *pensar alto*”). A seguir verificamos esse recurso utilizado por @anadigital em que ela realiza essa arte de emitir consideração e vários questionamentos enquanto transcreve os tópicos principais do evento do qual está participando e twittando (Figura-7):

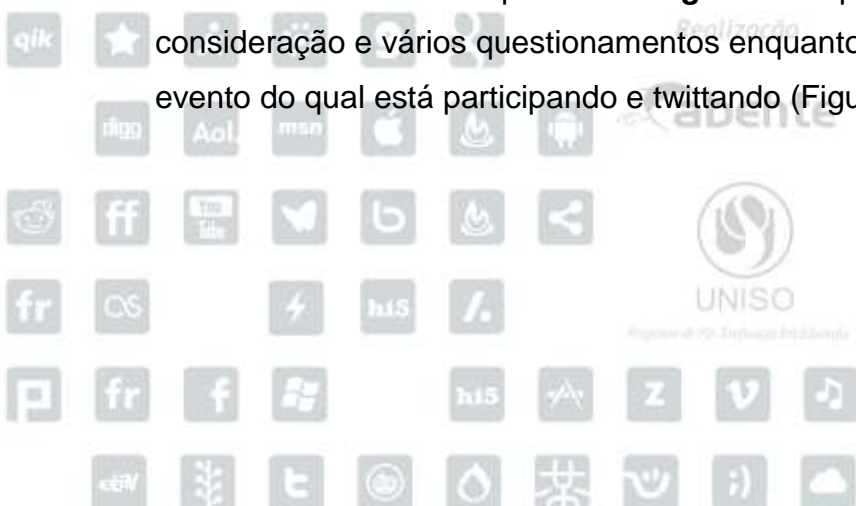
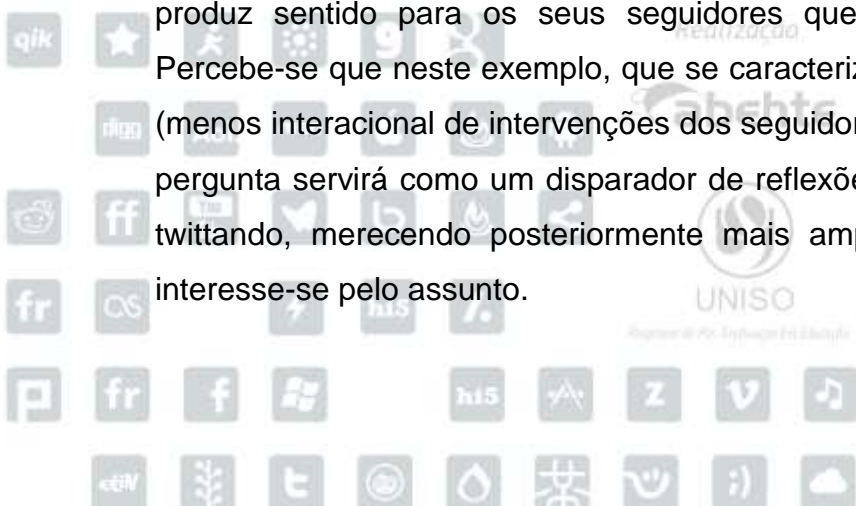




Figura 7: Parte de *micro timeline* de @anadigital twittando o SIGET-FN em 23/08/2011, sem interação.

As questões twittadas por @anadigital (Figura-7): “*Quem Bazerman cita? Quem Snyder cita? Por que fazemos ciência no ombro dos gigantes sem outros gigantes?*” e “*Será que as propostas são sempre só dos gringos? E nós? Sem propostas? Só aplicações?*” são todas provocativas no sentido educacional para uma audiência de seus seguidores. Mesmo os seguidores de @anadigital não estando participando presencialmente do evento que ela está twittando, é possível capturar a idéia principal que está sendo apresentada ali. Assim, a pergunta, o questionamento, a observação apresentados na *public timeline* de @anadigital enquanto transcreve fragmentos das falas e movimentos do evento acadêmico, produz sentido para os seus seguidores que participam desta *micro timeline*. Percebe-se que neste exemplo, que se caracteriza por um aspecto mais informativo (menos interacional de intervenções dos seguidores de @anadigital) a estratégia da pergunta servirá como um disparador de reflexões sobre o assunto que está sendo twittando, merecendo posteriormente mais amplo olhar investigativo para quem interesse-se pelo assunto.



Esse recurso também foi identificado na categoria de tweets de um usuário para os seus seguidores **com** interação (ver Quadro 1), quando **@araujo_jc** descrevendo as apresentações de seus alunos do PPGL-UFC registrando perguntas no seu *public timeline*: “Quando utilizar a etnografia como método?” e “Por que utilizar etnografia?”

Essa estratégia da pergunta postada na *public timeline* tem um caráter eliciador de reflexões para o seguidor do usuário que está twittando o evento acadêmico (uma aula, um seminário, uma palestra etc.). Observemos que em ambos os casos, entre as transcrições de falas, as perguntas emergem como fomentadoras de novas questões para a plateia de seguidores. Também é possível notar, no caso de **@araujo_jc** (Quadro-1), que além de trazer em forma de tópicos as discussões que ocorrem durante a aula de pós-graduação, também este usuário do Twitter interage com as autoras do livro que está sendo debatido naquele momento. Portanto, o que seria uma simples aula local torna-se globalizada através dos tweets do professor, atingindo um número considerável de pessoas que passam a acompanhar o debate acadêmico.

Uma das possibilidades excelentes do Twitter, portanto, é tornar rápida a informação em caráter de compartilhamento de ideias, recebendo adesões ou oposições, sugestões e críticas conforme o número de seguidores que se possa ter em sua microrede de relacionamentos virtuais. Poder participar de uma aula de pós-graduação, por exemplo, em que estão presentes (*online*) as escritoras do livro estudado (**@suely**, **@raquelrecuero** e **@adriaramaral**) podendo interagir com o grupo *online* é algo por demais importante que devemos potencializar com outras estratégias cada vez mais envolventes que permitam a todos um melhor acesso à informação, mas também à reflexão e co-construção do conhecimento.

Poderemos, assim, admitir que tweets de um usuário para os seus seguidores podem apresentar a seguinte composição, quanto às intervenções dos seus seguidores:

1. **com** interação: como no caso de **@araujo_jc** (Quadro-1), **@adriaramaral** (Figura-3), **@deniselino** (Figura-5), quando ocorre aparições de tweets dos seus seguidores, quer seja de forma espontânea ou provocada (perguntas diretas para um seguidor ou para vários como no caso de **@deniselineo**: “(...) [alunos/as] confirmem.”

2. **sem** interação, como no caso apresentado de @anadigital (Figura-1, 6 e 7), quando não ocorrem manifestações de seus seguidores na sua *public timeline*.

Na situação 1, a *micro timeline* assemelha-se a uma aula com interação entre o professor, por exemplo, e seus(suas) alunos(as) e/ou pares do cenário acadêmico, enquanto que na situação 2, a *micro timeline* toma caráter mais informativo, com nível baixo de interação, não destituindo-a de seu caráter pedagógico. Em ambos os casos verifica-se a possibilidade de disseminação rápida do conhecimento, desterritorializando a sua fonte que de local torna-se global; amplia-se a rede de novos contatos acadêmicos (dentro e fora da sala de aula); rompe-se com o paradigma da aula circunscrita à sala de aula, expandindo-a para a esfera da virtualidade; enfim, estimulam-se os letramentos digitais.

3.2 Limitações

Observamos que o recurso da pergunta numa descrição de evento acadêmico-educacional (Quadro-1, Figura-5 e Figura-7), tanto na categoria de tweets de um usuário para os seus seguidores **com** interação e **sem** interação, apresenta algumas limitações quanto ao melhor entendimento do seu uso. O seguidor que estiver conectado no momento pode ficar se perguntando qual o valor das questões levantadas e postadas no Twitter, a quem se destinam tais questões. A pergunta, então, pode ser entendida apenas como uma afirmação, neste caso, pergunta-retórica, e também pode ser compreendida como um questionamento que o usuário faz a si mesmo ou ainda como provocações destinadas aos seus seguidores, ou a quem está palestrando no evento.

Como interpretar questões como as postadas por @anadigital (Figura-7)?:

- “Quem Bazerman cita? Quem Snyder cita? Por que fazemos ciência no ombro dos gigantes sem outros gigantes?”
- “Será que as propostas são sempre só dos gringos? E nós? Sem propostas? Só aplicações?”

Ou aquelas perguntas apresentadas por @araujo_jc:

- “Quando utilizar a etnografia como método?”
- “Por que utilizar etnografia?”

Nesses casos, os seguidores de quem escreveu essas postagens, poderão ficar com algumas dúvidas quanto ao direcionamento da questão. A pergunta foi feita pela pessoa que estaria apresentando o trabalho, a aula, a palestra no evento científico? Ela é da proprietária do *public timeline* que está fazendo a pergunta como uma afirmação, no sentido irônico e provocativo? Ou, enfim, é uma pergunta que estaria fazendo diretamente para os seus seguidores no Twitter? Aqui não investigamos o teor da pergunta formulada (sempre válida para qualquer destinatário como motivo de reflexão), mas sim levantamos a problematização do melhor direcionamento da pergunta na cena textual que parece ser descritiva na *public timeline* do usuário que estamos seguindo no Twitter. Tradicionalmente acredita-se que num texto descritivo o autor evite questionamentos pessoais e é nesse sentido que identificamos uma limitação para o uso do Twitter para fins educacionais: não se tem muito claramente o momento em que o autor de uma *public timeline* está sendo descritivo, narrativo, dissertativo, poético, político, marketeiro, porque a qualquer momento pode-se valer das características desses tipos textuais em apenas 140 caracteres.

É importante também identificarmos uma reconhecida limitação do Twitter, em uma perspectiva pedagógico-educacional, que é número máximo de caracteres que se pode enviar por vez (140 caracteres), o que restringe um diálogo que poderia ser mais interativo para uso de expressões abreviadas, sentenças curtas, topicalizações, questionamentos mais direcionados e/ou indicação de hiperlinks. Essa característica inviabiliza realizarmos aulas via Twitter à distância, por exemplo, considerando-se que existem outros programas e meios com maior comodidade e melhor performance para a comunicação mediada por computadores com finalidades educacionais.

Além disso, podemos perceber que o Twitter como uma complexa rede social, em que vários usuários seguem tantos outros e também são seguidos por diversos outros usuários torna menos didática uma interação, já que na *public timeline* de um professor, por exemplo, pode aparecer vários tweets não previstos, oriundos daqueles a quem o professor segue no Twitter.

Outras limitações são evidenciadas por outros fatores, não apenas de caráter semântico-linguístico, mas sócio-econômico e até cultural, porque existem muitos

alunos e alunas que não tem acesso à Internet ou não usam o Twitter. Há também os casos dos que possuem o Twitter mas não sabem utilizá-lo. O uso desse programa para fins educacionais exige que os(as) alunos(as) tenham algumas competências e condições:

- conhecimento de hipertextualidade *online* (links e hiperlinks);
- conhecimento dos recursos do Twitter (aplicativos e microssintaxe);
- conhecimento do modo de linguagem *online* (abreviações, siglonimizações, hashtags);
- condições econômicas de acesso contínuo à Internet.

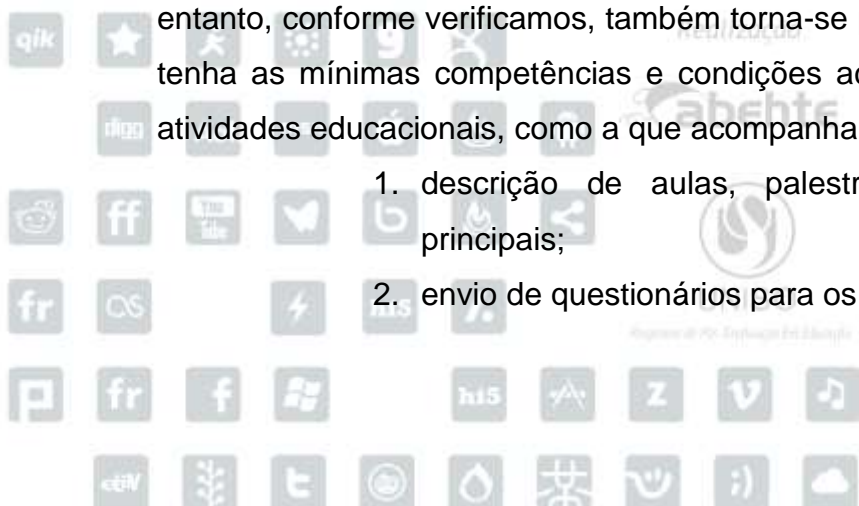
Enfim, o Twitter não foi criado com uma finalidade pedagógica, apresentando naturalmente suas limitações quanto às características próprias de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como o Moodle, o Amadeus, o TelEduc, o SOLAR os quais se constituem de várias interfaces para criar e compartilhar informações (mural, email, chat etc, todos sem limitações quanto ao número de envio de caracteres). Por outro lado, são os usos criativos que podem conferir ao Twitter contornos pedagógicos, como mostramos aqui.

Considerações Finais

Assim, considerando as limitações do programa de rede social *online*, além de outros fatores já mencionados, acreditamos, pelas amostras apresentadas e analisadas, ser possível utilizar o Twitter para fins educacionais. Para tanto, torna-se necessário apropriar-se adequadamente dos seus recursos, como utilizar tweets de um usuário para os seus seguidores ***com*** interação e ***sem*** interação, conforme expusemos, atendendo às necessidades de grupos e aos contextos emergentes.

Observamos, assim, que os tweets podem ser utilizados mais comodamente para comunicações rápidas, em forma de avisos, indicação de leitura e links; no entanto, conforme verificamos, também torna-se possível, a partir de um público que tenha as mínimas competências e condições acima propostas desenvolver outras atividades educacionais, como a que acompanhamos durante a nossa experiência:

1. descrição de aulas, palestras, fóruns através dos tópicos principais;
2. envio de questionários para os alunos via links;



3. interação *online* quando um grupo de pessoas estejam conectadas a partir de uma #hashtag;
4. auxílio a alunos(as) respondendo a questões e realizando orientações que possam ser compactadas, considerando a limitação de 140 caracteres por postagem

Defendemos, portanto, a ideia de que a usabilidade do Twitter para fins educacionais está sendo construída por todos nós, nesse momento, que a adaptamos para as finalidades de intercâmbio com alunos e alunas, bem como com colegas de pesquisa. O contexto emergente oriundo das redes sociais e, mais especificamente do Twitter permite criarmos novas formas de interação, rompendo limites geográficos e temporais, superando restrições e provocando criativamente novas formas linguístico-discursivas de comunicação.

O nosso estudo exploratório permitiu que observássemos como docentes e alunos(as) do meio acadêmico constroem modos de interação e comunicação via Twitter permitindo um olhar mais amplo para essa rede social, considerando suas múltiplas possibilidades e suas específicas limitações.

Referências

- AMARAL, A. **Expandindo a sala de aula**. Brasil, maio, 2011. [Blog]. Disponível em <http://palavrasecoisas.wordpress.com/2011/05/01/expandindo-a-sala-de-aula>. Acesso em julho/2011.
- ARAÚJO, J.C.; COSTA, S.C.; DIEB, M. O Twitter e o ensino de língua inglesa em 140 caracteres. **Revista Educação & Tecnologia**, no prelo, a sair em 2011.
- BUBER, Martin. **EU e TU**. São Paulo: Moraes, 1974.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.
- RECUERO, R; ZAGO, G. Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter. **Líbero**, v. 12, p. 81-94, n. 24, 2009.

RECUERO, R.; ZAGO, G. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Revista Fronteiras**, vol 12, n. 2, p. 69-81, maio-agosto de 2010.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

ZAGO, G. S. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. In: **VI Congresso Nacional de História da Mídia** (CD-ROM), Niterói, RJ, 2008. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>>. Acesso em julho/2011.

